

MARK OWEN
COM KEVIN MAURER

NÃO HÁ DIA FÁCIL

UM LÍDER DA
TROPA DE ELITE
AMERICANA
CONTA COMO
MATARAM
OSAMA
BIN LADEN

Tradução

DONALDSON M. GARSCHAGEN

BERILO VARGAS

B I B I B I B I

Copyright © 2012 by Mark Owen

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL No Easy Day

CAPA Nick Shah

FOTO DE CAPA NRA Life of Duty/ Alamy/ Shutterstock

CADERNO DE FOTOS Coleção pessoal do autor

MAPAS Travis Rightmeyer

PREPARAÇÃO Huendel Viana

REVISÃO TÉCNICA David Pfaltzgraapf

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Owen, Mark

Não há dia fácil / Mark Owen com Kevin Maurer ;
tradução Donaldson M. Garschagen, Berilo Vargas. — 1ª ed.
— São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: No Easy Day.
ISBN 978-85-65530-14-9

1. Bin Laden, Osama, 1957-2011 2. Estados Unidos.
Marinha. Seals — Biografia 3. História militar
4. Operações militares 5. Relatos 6. Terrorismo —
Combate I. Maurer, Kevin. II. Título.

12-11021

CDD-359.0092

Índice para catálogo sistemático:

I. Seal : Operações especiais : Estados Unidos : Marinha :
Operações militares : Relatos 359.0092

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Sumário

Nota do autor.....	9
Prólogo: Chalk Um	13
1. A Equipe Verde.....	21
2. Os cinco mais, os cinco menos	33
3. O segundo convés.....	46
4. Delta	55
5. Batedor	67
6. <i>Maersk Alabama</i>	81
7. A guerra sem fim.....	92
8. Trilhas rústicas.....	106
9. Algo muito especial em Washington	123
10. O Marchador.....	137
11. Para matar o tempo.....	155

12. Dia de partir	170
13. Infiltração	183
14. Khalid	192
15. Terceiro piso	198
16. Gerônimo	202
17. Exfiltração	216
18. A confirmação	222
19. Tirar uma casquinha	234
Epílogo	245
Fontes consultadas.....	255
Sobre os autores	257



A Equipe Verde

O suor escorria pelas minhas costas, empapando a camisa, enquanto eu descia devagar o corredor da casa da morte em nosso local de treinamento no Mississippi.

Estávamos em 2004, sete anos antes que eu embarcasse num Black Hawk rumo a Abbottabad, no Paquistão, para uma das operações especiais mais importantes da história. Estava no curso de seleção e treinamento para a Equipe Seis do Seal, chamada às vezes por seu nome completo: Grupo para o Desenvolvimento de Operações Especiais da Marinha, ou DEVGRU. O curso de seleção de nove meses, conhecido como Equipe Verde, era a única coisa que se interpunha entre nós, candidatos, e o corpo de elite do DEVGRU.

Meu coração batia com força, e eu tinha de piscar para tirar o suor dos olhos, seguindo meu companheiro até a porta. Respirava com dificuldade, sem ritmo. Tentava tirar da cabeça qualquer pensamento desnecessário. Estava nervoso e tenso, e sabia que é nessas condições que se comete erros. Precisava manter o foco. Mas qualquer coisa que estivesse à nossa espera no lugar em que estávamos a ponto de entrar era insignificante se comparada ao quadro de instrutores que nos observavam.

Todos os instrutores eram combatentes veteranos do DEVGRU. Escolhidos para treinar novos quadros, eles tinham meu futuro em suas mãos.

“Agunte até o almoço”, sussurrei para mim mesmo.

Era a única forma de controlar minha ansiedade. Em 1998, consegui passar pela Demolição Submarina Básica/Seal, ou BUD/S, pensando apenas na minha próxima refeição. Não importava que eu não sentisse mais os braços à medida que erguíamos troncos acima da cabeça ou que a água gelada me ensopasse até os ossos. Aquilo não duraria para sempre. Há um ditado que diz: “Como se faz para comer um elefante?”. A resposta é simples: “Um bocado por vez”. Meus bocados eram demarcados por refeições: faça isso até o desjejum, treine com afinco até o almoço, agunte até o jantar. Repita.

Em 2004 eu já era um Seal, mas chegar ao DEVGRU seria o ápice da minha carreira. Como unidade antiterrorista da Marinha, o DEVGRU empreendia missões de resgate de reféns, perseguia criminosos de guerra e, desde os ataques de Onze de Setembro, caçava e eliminava combatentes da Al-Qaeda no Afeganistão e no Iraque.

Mas nada do que se fazia na Equipe Verde era fácil. Para mim, já não bastava ser um Seal. Durante o treinamento na Equipe Verde, passar, e nada além disso, significava fracassar. O segundo colocado era o primeiro perdedor. O objetivo não era cumprir os requisitos, e sim triturá-los. Ter sucesso na Equipe Verde significava administrar o estresse e exigir o máximo de si o tempo todo.

Antes de cada dia de treino, executávamos exercícios extenuantes ou um trabalho físico que consistia em longas corridas, flexões de peito, flexões de barra e qualquer outra atividade que os instrutores sádicos conseguissem bolar. Empurrávamos carros e em muitas ocasiões chegamos a empurrar ônibus. Quando chegávamos à casa da morte, uma construção especial à prova de balas com corredores e cômodos usados para a prática de CQB, ou combate em ambiente confinado, nossos músculos já estavam cansados e doloridos. O objetivo

do trabalho físico era nos cansar para provocar o estresse de uma operação real antes de sermos testados num ambiente tático exigente.

Não tive tempo de olhar para os instrutores no momento em que seguíamos pelo corredor. Era o primeiro dia de treinamento, e os nervos de todos estavam à flor da pele. Tínhamos começado o treino na escola de tiro depois de um mês inteiro praticando paraquedismo de grande altitude no Arizona. Também lá tínhamos sofrido pressão por um desempenho perfeito, mas quando chegamos ao Mississippi ela piorou.

Eu tirei da cabeça as dores inoportunas que sentia e me concentrei na porta que havia diante de mim. Era feita de compensado fino, sem maçaneta. Tinha sido golpeada e quebrada por grupos anteriores ao nosso, de forma que meu companheiro pôde abri-la com facilidade com a mão enluvada. Detivemo-nos por um instante na soleira, procurando alvos antes de entrar.

O cômodo era quadrado, com paredes rústicas feitas de velhos dormentes para absorver os projéteis reais. Ouvi meu companheiro chegando atrás de mim, enquanto meu fuzil descrevia um arco em busca de um alvo.

Nada. O cômodo estava vazio.

“Adiante”, exortou meu companheiro, entrando no cômodo para revistar um dos cantos.

Instintivamente, me pus em posição de cobri-lo.

Assim que comecei a me deslocar, ouvi os murmúrios dos instrutores. Não podíamos parar, mas eu sabia que um de nós acabava de cometer um erro. Por um segundo, senti que meu nível de estresse bateu no pico, mas rapidamente tirei isso da cabeça. Não tinha tempo para me preocupar com erros. Havia outros cômodos para revistar. Não dava para ficar pensando nos erros cometidos no primeiro.

De volta ao corredor, entramos no cômodo seguinte. Divisei dois alvos ao entrar. À direita, vi a silhueta de um bandido segurando um pequeno revólver. Usava um moletom e parecia um marginal de filme dos anos 1970. À esquerda, uma silhueta de mulher segurava uma bolsa.

Disparei um tiro no bandido segundos depois de entrar no cômodo. O projétil acertou na mosca. Fui em direção ao alvo, disparando mais alguns tiros.

“Limpo”, disse eu, baixando o cano da arma.

“Limpo”, respondeu meu companheiro.

“Travem e pendurem as armas”, disse um dos instrutores lá de cima.

Pelo menos seis instrutores olhavam para nós, instalados num passadiço que se estendia por toda a parte superior da casa da morte. Eles podiam se deslocar em segurança enquanto revistávamos os diferentes ambientes, avaliando nosso desempenho e procurando pelos menores erros.

Travei meu fuzil e pendurei-o no ombro pela alça. Enxuguei com a manga as gotas de suor que me caíam nos olhos. Meu coração ainda batia forte, embora tivéssemos terminado. Os cenários de treinamento eram bem realistas. Todos nós sabíamos revistar ambientes. Esse processo nos submetia ao mesmo estresse que em um combate.

Não havia margem de erro, e naquele momento eu não sabia exatamente o que tínhamos feito de errado.

“Onde foi parar seu grito de ação?”, perguntou Tom, um dos instrutores que estava no passadiço.

Não respondi. Apenas aquiesci. Estava constrangido e desapontado. Tinha esquecido de dizer a meu companheiro que podia entrar no primeiro cômodo, o que era uma violação das normas de segurança.

Tom era um dos melhores instrutores do curso. Eu sempre conseguia identificá-lo porque tinha a cabeça grande, sólida, como se o crânio guardasse um cérebro gigante. Era sua única característica física notável. Se não fosse isso, ele passaria despercebido, pois era delicado e nunca se alterava. Todos nós o respeitávamos, porque era ao mesmo tempo firme e justo. Quando você cometia um erro diante de Tom, era como se ele ficasse abatido. Sua decepção comigo estava estampada em seu rosto.

Não gritava.

Não vociferava.

Era apenas o seu semblante.

Eu o vi lá em cima, olhando em minha direção com uma expressão que dizia: “Ah, é assim, cara? Você fez isso mesmo?”.

Eu quis falar ou pelo menos tentar explicar, mas sabia que eles não estavam dispostos a ouvir. Se diziam que você tinha errado, você tinha errado. Ali, embaixo deles na sala vazia, não havia discussão ou explicação.

“O.k., positivo”, eu disse, indefeso e furioso comigo mesmo por ter cometido um erro tão primário.

“Precisamos fazer melhor”, disse Tom. “Supere isso. Vá para a escada.”

Agarrei o fuzil, corri para fora da casa da morte e fui em disparada até uma escada de cordas pendurada numa árvore a cerca de trezentos metros de distância. Subindo a escada, degrau por degrau, me senti cada vez mais pesado. Não era a camisa ensopada de suor, nem os trinta quilos do colete tático, com equipamentos, amarrado a meu peito.

Era o medo de fracassar. Eu nunca tinha falhado em minha carreira de Seal.

Quando cheguei a San Diego, seis anos antes, para a BUD/S, nunca duvidei de que me sairia bem. Muitos candidatos à BUD/S que tinham chegado comigo foram cortados ou desistiram. Alguns não aguentaram as brutais corridas na praia, ou entravam em pânico debaixo d’água durante os treinos de mergulho.

Como muitos outros candidatos à BUD/S, eu queria ser um Seal desde os treze anos. Lia tudo o que conseguia encontrar sobre os Seal, acompanhava o noticiário sobre a Operação Tempestade no Deserto em busca de qualquer referência a eles e sonhava acordado com emboscadas e em surgir de repente numa praia em missão de combate. Eu queria fazer todas aquelas coisas que tinha lido nos livros quando era pequeno.

Ao me formar numa pequena faculdade da Califórnia, fiz a BUD/S e ganhei meu tridente de Seal em 1998. Depois de um período de seis meses no litoral do Pacífico e uma missão de combate no Iraque em 2003-4, eu estava pronto para algo novo. Tinha ouvido falar no DEVGRU em minhas duas primeiras missões. O DEVGRU reunia a nata da comunidade Seal, e eu nunca me perdoaria se não fosse aceito no curso de seleção.

A unidade de antiterrorismo da Marinha nasceu logo depois do fracasso da Operação Garra de Águia, uma missão ordenada pelo presidente Jimmy Carter em 1980 para o resgate de cinquenta e dois reféns americanos presos na embaixada dos Estados Unidos em Teerã, no Irã.

Depois dessa missão, a Marinha percebeu a necessidade de uma força capaz de executar com êxito quaisquer missões especializadas, e incumbiu Richard Marcinko de desenvolver uma unidade antiterrorista chamada Equipe Seis do Seal. Esse grupo era treinado para operar em ambientes confinados e em países inimigos, assim como em navios, bases navais e plataformas de petróleo. Com o passar do tempo as missões se diversificaram e passaram a envolver resgate de reféns, segurança e ações contra o desenvolvimento de armas de destruição em massa.

Na época em que Marcinko fundou o comando, havia apenas duas equipes Seal. O número “seis” era usado para que os soviéticos acreditassem que as equipes da Marinha fossem mais numerosas. Em 1987, a Equipe Seis do Seal transformou-se no DEVGRU.

A unidade começou com setenta e cinco membros, selecionados por Marcinko. Atualmente, todos os integrantes da unidade provêm de outras equipes do Seal e das unidades de Descarte de Material Bélico Explosivo. Cresceu substancialmente e ganhou inúmeras equipes, assim como pessoal de apoio, mas o princípio continua sendo o mesmo.

A unidade faz parte do Comando de Operações Especiais Conjuntas, o JSOC. Assim, o DEVGRU trabalha em estreita colaboração com outras organizações, como a Força Delta do Exército.

Uma das primeiras missões do DEVGRU foi executada em 1983,

durante a Operação Fúria Urgente. Membros da unidade resgataram o governador-geral da ilha de Granada, Paul Scoon, durante a invasão liderada pelos Estados Unidos, depois de uma insurreição comunista. Não fosse o resgate, Scoon poderia ter sido executado.

Seis anos depois, em 1989, o DEVGRU uniu-se à Força Delta para capturar Manuel Noriega durante a invasão do Panamá.

Os membros do DEVGRU participaram da operação que, liderada pelos Estados Unidos, foi encarregada da captura do comandante militar somali Mohamed Farrah Aidid, em outubro de 1993, no episódio que ficou conhecido como Batalha de Mogadíscio. Os combates são relatados no livro de Mark Bowden intitulado *Falcão Negro em perigo*.

Em 1998, membros do DEVGRU perseguiram criminosos de guerra bósnios, entre eles o general Radislav Krstić, que seria indiciado por sua participação no massacre de Srebrenica em 1995.

A partir de Onze de Setembro de 2001, os integrantes do DEVGRU entraram numa roda-viva de missões no Iraque e no Afeganistão, tendo como alvo comandos da Al-Qaeda e do Talibã. Foram para o Afeganistão imediatamente depois dos ataques ao World Trade Center e protagonizaram algumas das missões que tiveram maior cobertura da imprensa, como o resgate de Jessica Lynch no Iraque, em 2003. Foram missões como essa e o fato de eles terem sido os primeiros convocados que me motivaram a ir para lá.

Antes de fazer parte da Equipe Verde, você precisa ser um Seal. A maior parte dos candidatos já participou de pelo menos duas missões. Isso significa que eles têm a formação e a experiência necessárias, que podem ser cruciais para o êxito no processo de seleção.

Ao subir os degraus da escada, no calor do Mississippi, não pude deixar de pensar que quase tinha fracassado no processo seletivo de três dias, antes mesmo de começar na Equipe Verde.

Esses três dias caíram durante o período de treinamento de guerra terrestre da minha unidade. Eu estava em Camp Pendleton, na Ca-

lifórnia, escondido debaixo de uma árvore, observando os Marines* que construíaam um acampamento-base. Era 2003, e já estávamos a uma semana num treino de reconhecimento quando recebi ordens de voltar a San Diego para começar o processo de seleção de três dias. Se tivesse a sorte de ser selecionado, começaria o curso de treinamento de nove meses da Equipe Verde. Se, então, tivesse a sorte de ser aprovado no curso, me tornaria um integrante do DEVGRU.

Fui o único escolhido do meu pelotão. Um companheiro de outro pelotão também fora selecionado. Durante a viagem, fomos tirando a tinta verde do rosto. Depois de dias no campo, ainda vestíamos os uniformes de camuflagem, tínhamos cheiro de suor e de repelente de insetos. Meu estômago doía, porque eu não tinha comido nada além da ração fornecida a soldados em combate. Eu tentava me manter hidratado, bebendo água pelo caminho. Não estava em minha melhor forma, e sabia que a primeira parte da seleção para a Equipe Verde consistia em testes de condicionamento físico.

Na manhã seguinte estávamos na praia. O sol acabava de surgir no horizonte quando concluí minha corrida cronometrada de seis quilômetros. Depois de um breve descanso, me reuni a cerca de vinte outros candidatos em fila numa laje de concreto. Uma leve brisa vinda do Pacífico soprava, e o ar ainda estava fresco da noite anterior. Em qualquer outro momento, seria uma linda manhã na praia. Mas eu já estava cansado da corrida e, antes de nadar, ainda tínhamos de fazer flexões de braço, abdominais e flexões na barra.

Passei facilmente pelo teste de flexões, embora os instrutores procurassem defeitos em cada repetição. Cada uma delas tinha de ser perfeita, senão não valia. Virei-me de costas e me preparei para as abdominais.

Já estava bem cansado quando as comecei.

Ficar ao relento no campo não tinha sido bom para minha re-

* Como são chamados os membros do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. (N. E.)

sistência. A princípio, mantive um bom ritmo, que se interrompeu quando um instrutor se pôs ao meu lado e começou a repetir o número de meus exercícios.

“Dez, dez, dez”, dizia ele. “Dez, onze, doze, doze.”

Minha técnica não vinha de livros. Ele estava repetindo o número dos exercícios que não saíam perfeitos. A cada número que ele repetia, eu sentia mais vergonha. Estava me cansando sem nem conseguir chegar perto da média do teste.

“Um minuto.”

Eu estava bem atrasado quando ouvi o aviso, não teria tempo de completar o exercício. Se me desse mal nas abdominais, estava liquidado. Minha mente foi assaltada por dúvidas. Comecei a inventar desculpas esfarrapadas: eu estava mal preparado porque vinha treinando com minha unidade em vez de me preparar para o teste.

“Trinta segundos.”

Com meio minuto de tempo, eu ia ficar dez repetições abaixo do mínimo. Ao meu lado, outro cara já tinha ultrapassado o mínimo e continuava dando tudo de si para ir o mais rápido que pudesse. Minha cabeça rodava, eu não podia acreditar que estava fracassando. Expulsei os pensamentos venenosos da cabeça e foquei na técnica. Aos poucos eu chegaria lá.

“Dez segundos.”

Estava chegando perto. Meu estômago doeu. Ofegava. O medo substituiu o cansaço. Fiquei em choque. Não podia fracassar. Não tinha como voltar para o meu pelotão depois de falhar já no teste de condicionamento físico.

“Cinco, quatro, três...”

Os instrutores concluíram a contagem regressiva, então executei minha última abdominal. Passei raspando, superei o mínimo por duas míseras repetições. Estava acabado, mas ainda tinha as flexões de barra. Enquanto ia até a barra, a proximidade do fracasso descarregou em mim alguma adrenalina e consegui fazer as flexões sem problemas.

A última prova era de natação na baía de San Diego. O mar estava calmo. Como usávamos roupas de neoprene, eu não sentia o frio da água. Comecei bem. Um dos rapazes que faziam o teste tinha sido nadador da Academia Naval e ia bem à frente, mas eu estava em segundo. Continuei forçando, mas me sentia lento, como se nadasse numa esteira.

Quando cruzamos a linha de chegada, os instrutores me disseram que eu tinha sido reprovado. Aconteceu com todos, menos com o nadador da Academia. Isso chamou a atenção dos instrutores, que resolveram consultar a tábua de marés. Depois de um exame rápido das correntes, concluíram que tínhamos nadado contra a correnteza.

“Vamos repetir o teste todo amanhã”, disseram, para meu alívio.

Começar cada exercício já cansado faz parte do desafio, e portanto não podíamos repetir apenas a parte da natação. Teríamos de fazer as abdominais de novo, e no fundo eu sabia que uma noite de descanso não bastaria para que eu pudesse fazê-las bem.

Era uma questão de preparo emocional.

No dia seguinte, cheguei pronto para arrasar, determinado a atingir o nível de aprovação. Sabia que minhas marcas não eram ótimas, e estava preocupado com a avaliação delas pela banca do exame oral do dia seguinte. Obter as marcas mínimas não significava nada no conjunto das coisas. Era um curso de seleção dos melhores entre os melhores, e eu não vinha provando aos instrutores que estava preparado.

Cheguei cedo para a entrevista, vestido com meu uniforme azul e todas as minhas barretas e condecorações. Tinha cortado o cabelo na véspera e fiz questão de me barbear bem rente. Eu parecia um desenho tirado de um manual de uniformes. Sabia que era uma das raras ocasiões em que um corte de cabelo, sapatos lustrosos e um uniforme bem passado tinham importância para um Seal. Pelo menos era uma coisa a menos para pegarem no meu pé durante a entrevista.

A sala de reuniões tinha uma grande mesa num dos extremos. Sentados à mesa estavam meia dúzia de suboficiais da Marinha, um

psicólogo que tinha nos avaliado no segundo dia de testes e um orientador de carreira. Diante da mesa, uma única cadeira vazia. Entrei na sala e me sentei.

Durante quarenta e cinco minutos, eles se revezaram nas perguntas que me dirigiam. Eu nunca tinha sido bombardeado daquela maneira. Não sabia que antes da minha chegada a banca já tinha falado com o chefe do meu pelotão e comandante da Equipe Cinco do Seal. Eles já tinham uma ideia de quem eu era, mas aquela seria a única oportunidade que teriam para me avaliar pessoalmente.

Até hoje, não consigo me lembrar de quem fazia parte da banca do exame oral. Para mim, eram apenas militares de excelência que tinham meu futuro nas mãos. Dependia de mim convencê-los a me escolher.

Mas minhas marcas no condicionamento físico não ajudavam.

“Você sabe para o que está sendo selecionado?”, perguntou um deles. “Você sabe o que está tentando fazer? Este é o teste básico. Você está se preparando para grandes operações. Isso é o que você apresenta?”

Não hesitei. Sabia que eles iam me pressionar com aquilo e eu só tinha uma cartada.

“Assumo toda a responsabilidade”, respondi. “Estou constrangido por estar aqui e lhes apresentar essas marcas de condicionamento físico. Só posso lhes dizer que se for escolhido, essas marcas nunca mais vão se repetir. Não pretendo dar nenhuma desculpa. É minha responsabilidade, e só depende de mim e de mais ninguém.”

Sondei a fisionomia deles para descobrir se tinham acreditado. Nada indicava que sim, nem que não. Tudo o que vi foram olhares inexpressivos. A avalanche de perguntas continuou, com o propósito de me desequilibrar. Eles queriam testar se eu conseguiria manter a calma. Se não pudesse nem me sentar numa cadeira e responder a perguntas, o que faria debaixo de fogo? Se queriam me deixar desconfortável, tiveram sucesso, mas eu estava mais para constrangido do que para qualquer outra coisa. Essas eram as pessoas que eu admi-

rava, com as quais queria me parecer, e ali estava eu, um jovem Seal que mal conseguira passar no teste de abdominais.

Terminado o exame, eles me dispensaram.

“Nos próximos seis meses você saberá se passou ou não.”

Ao deixar a sala, pensei que tinha cinquenta por cento de chance de me dar bem.

De volta a Camp Pendleton, besuntei o rosto de tinta verde e voltei ao campo com o rabo entre as pernas para me reunir a meus companheiros nos últimos dias de treinamento.

“Como foi?”, perguntou meu chefe quando me juntei ao grupo.

“Não sei”, respondi.

Não disse nada a ninguém sobre o teste de condicionamento físico. Sabia que havia uma possibilidade real de ter fracassado.

Eu estava servindo no Iraque com a Equipe Cinco do Seal quando finalmente recebi a notícia. O chefe do meu pelotão me chamou para o centro de operações.

“Você foi selecionado”, disse ele. “Vai receber ordens da Equipe Verde quando voltarmos.”

Fiquei surpreso, porque no fundo estava me preparando para o pior. Tinha posto na cabeça que teria de tentar outra vez. Mas agora que tinha sido selecionado, não permitiria que os mesmos erros se repetissem. Sabia que quando me apresentasse, teria de estar preparado para a Equipe Verde.